

Autor: — Francisco Sales Arêda

O VALENTÃO DO NORTE



Preço Cr \$ 3,00

O Valentão do Norte

Vamos saber meus senhores
Quem foi Valentão do Norte
O homem mais destemido
Que lutou e teve sorte
De nunca render-se a homem
Até na hora da morte

Na serra do Araripe
Junto a furna da caveira
Nasceu Valentão do Norte
Num dia de Terça-Feira
As 12 horas do dia
Debaixo d'ua Ingazeira

Seus pais andavam fugidos
Porque mataram um freguez
Na hora em que Saturno
Conjunção com Marte fez
Valentão do Norte viu
O mundo a primeira vez

Seu pai serviu de parteira
O chão lhe serviu de cama
A arvore serviu de casa
A luz do dia foi ama
O planéta com o signo
Lhe traçaram seu programa

Na hora quele nasceu
Urrou um trigre no mato
Houve um eclipse no Sol
Dando noticia do fato
Porco cantou como galo
Burro miou como gato

Passou um vento rasteiro
Varrendo as folhas no chão
Relampejou sem ter chuva
Com raio, corisco e trovão
No olho da Ingaseira
Piava um gavião

Com 10 dias batisou-se
Com o nome de Sabino
Com sete mezes andou
E falou com todo tino
Parece que veio ao mundo
Guiado pelo destino

De dez pra doze anos
Assombrava a vizinhança
Devido a ele o velho
Só vivia de mudança
Todo menino temia
O tal Sabino de França

Quando pegava um menina
Arrochava o nó da guéla
Arrancava-lhe os cabelos
Metia o pau na canéla
Montava nele e dizia
Seu mole aguenta a séla

Todo dia davam parte
De sua perversidade
O velho lhe castigava
Com bem rigorosidade
Mas não havia castigo
P'ra mudar-lhe a qualidade

Já estava rapazinho
Foi a festa de Natal
E lá pegou u'a briga
Na frente da Catedral
Dessa vez até o padre
Perdeu o livro missal

Por causa de u'a bolacha
Ele abriu esse asar
Mesmo na hora que o padre
Começou a celebrar
Lá se vai aquele embrulho
Para o lado do altar

O povo todo acalmando
Pela igreja entrou
Subiram pelo altar
Tudo que tinha virou
O padre deixou a missa
Tambem na luta embocou

Com um cajado na mão
Partiu pra dar em Sabino
Ele agarrou o vigario
Deu-lhe um chute pequenino
Que o padre escapou pegado
Com o badalo do sino

O Sacristão foi a ele
Para pega-lo na béca
Sabino agarrou-o a geito
E deu-lhe uma sapéca
De roupa em cima do corpo
Ficou o cós da coéca

Mas o povo era de mais
Para pega-lo de mão
Ele se viu apertado
Que só batata do chão
Correu levando o missal
E o chapéu do Sacristão

Dessa vez não foi p'ra casa
Temendo ser perseguido
Foi ficar numa Fazenda
De um velho seu conhecido
Com 20 leguas distante
Ficou ali escondido

Mas o velho vendo a hora
A precatória chegar
Fez u'a carta e lhe deu
Para ele entregar
Com mais 35 leguas
Ao Coronel Baltasar

Esse Coronel morava
Na fazenda do cocão
Recebeu ele e disse-lhe
Se tiver disposição
Ninguém lhe tira daqui
Nem a bico de ferrão

Ele disse Coronel
Eu nasci no páo quebrado
Criei-me na volta dura
Venho do desassombrado
O que tiver de ruim
Pode botar p'ra meu lado

O coronel disse então
Você pega de meu jeito
Eu tenho aqui uns trabalhos
Para faze-los bem feito
Porém precisa corragem
Disse: Sabino eu aceito

O Coronel mandou ele
Na volta do cipó branco
Resolver uma questão
Com o negro Chico Franco
Sabino foi p'ra mostrar
Que era cabra do arranco

A questão era de um marco
Que Chicó Franco arrancou
Na terra do Coronel
Sabino disse eu vou
— Faço ele plantar o marco
No lugar onde arrancou

No mesmo dia ele foi
E agarrou Chico Franco
Fez ele plantar o marco
Na divisa cipó branco
Cortou-lhe uma orêlha e disse
— E' p'ra fazer um tamanco

Quando o coronel viu ele
Com a orêlha de Chico
Disse agora acreditei
— Que sua volta é fuxico
Amanhã quero que vá
Na fazenda poço rico

— Traga de lá um garrote
Que agora a pouco faltou
Aqui em minha fazenda
E um vaqueiro me contou
Que o fazendeiro de lá
Com sua marca o ferrou

Sabino passou a perna
Em um cavalo de fama
E saiu a meia noite
Com inverno e muita lama
Foi pegar o fazendeiro
Inda enrolado na cama

Meteu o rifle na porta
Botou no canto e entrou
Agarrou o fazendeiro
Por uma perna puxou
Até chegar no curral
Onde o garrote encontrou

Ali pegaram o bixo
Bufando e dando pinote
E Sabino fez o velho
Escanchar-se no garrote
Por baixo amarrou as pernas
Ai meteu-lhe o chicote

Depois apartou do gado
E foi abrindo a porteira
O garrote saiu doido
Emburacou na madeira
E sabino no cavalo
Sustentando a cabeceira

As oito horas do dia
Ouviram um grito afiado
O Coronel foi olhando
E ficou quasi assombrado
Disse eu preciso de um doido
— Mas assim está danado

Sabino gritou de lá
— Abra a porteira patrão
O Coronel perguntou-lhe
— Você é gente ou o cão
Disse ele a minha volta
— Sempre é assim pr'a ladrão

Ali derrurbaram o velho
Do espinhaço do garrote
Todo moído de páo
E cortado de chicote
Voltou p'ra casa na rêde
Mole que só um caçote

O Coronel disse a ele
— Não se assombre com a sorte
Onde eu mandar pode ir
Faça tudo não se emporte
E seu nome de hoje em diante
Vai ser Valentão do Norte

E por Valentão do Norte
Ficou Sabino conhecido
Fazendo casar a pulso
E dando surra em bandido
Nunca meteu-se num caso
P'ra não deixar resolvido

Uma vez chegou um negro
Do lado do Piauí
Embuanceiro e perverso
Brabo que só um sirí
Valentão do Norte fez
Da barba dele um jiquí

Houve uma apartação
A festa estava um orgulho
O negro chegou dizendo
Que topava todo embrulho
Dava tudo por um brabo
Comprava caro um barulho

Valentão do Norte disse
— Moreno você se arrisca
Porque enquanto eu viver
Outro brabo aqui não cisca
Dois negros de sua marca
Pra mim não dá u'a isca

O negro cismou dos pés
Lançou mão de um punhal
Porém Valentão do Norte
Fez o maior carnaval
Com ele preso num tronco
Bem no centro do curral

Ordenou a vaqueirama
P'ra correr o dia inteiro
Dizendo é p'ra puxar
— Boi e garrotes primeiro
Porém este touro preto
Vai sair por derradeiro

Quando terminou o gado
Que havia de apartar
Valentão do Norte disse
— Agora pode botar
O touro do Piauí
Sou eu que quero puxar

Mandou dois cabras de lama
Desata-lo do mourão
E ele fora esperando
Mais um cabra de plantão
O negro teve que ir
Apertado no ferrão

Quando pulou na porteira
Muita gente teve dó
De vê valentão pegar
O negro no paletó
Deu-lhe um quedaço tão grande
Que passou o mocotó

Deu-lhe um surrote e um banho
De enxofre e creolina
Depois disse vá embora
— E diga que cavou mina
Sair daqui com a vida
P'ras terras de Terêsina

O negro quebrou no bêco
Em busca de seu Estado
Ficou Valentão do Norte
Dando seita e feriado
Servindo até de Juiz
Promotor e delegado

Aonde havia questão
Ele ia resolver
Mas não matava ninguém
Seu instinto era prender
Dava somente um ensino
Para o cara conhecer

Um dia um rapaz vizinho
Ajustou um casamento
Com a filha de um velho
Bruto que só um jumento
Por caso desse negocio
Deu-se um barulho cinzento

A moça para casar-se
Fugiu com esse rapaz
O velho seguiu no piso
Com uma tropa voraz
Deu em gente matou negro
Levou a filha p'ra traz

P'ra filha não voltar mais
Fez o velho u'a cilada
Encangou ela na velha
Com a roupa costurada
Para onde a velha ia
Levava a filha encangada

O noivo foi se queixar
Ao Coronel Baltazar
Valentão do Norte soube
Disse pode descansar
— Que vou buscar sua noiva
Para consigo casar

Lançou mão um bacamarte
Punhal facão e pistola
U'a macaca de arrasto
Bem feita de um meio de sola
E dirigiu-se pr'a casa
Do velho Manoel Chicola

Estava o velho e 3 cabras
No princípio do almoço
«Manda chuva e Para-raio»
E um tal de Chico Grosso
Chegou Valentão do Norte
E começou o destrosso

Botou o rifle em cima
Com a bala na agulha
Dizendo vamos canalha
— Não cresça nem faça bulha
Tirem as roupas todos treis
Botem aí numa tulha

Obrigou os 3 nuclos
Entrarem num quarto escuro
Rasgou as roupas dos treis
E sacudiu no monturo
Pegou a velha e a moça
— Dizendo aqui é no duro

Desencangou os vestidos
E fez a velha entrar
Em outro quarto que tinha
Caladinha sem gritar
Levou a moça p'ra casa
Do Coronel Baltasar

Com cinco dias casaram
Sem haver impedimento
Valentão do Norte disse
— Aquele velho cinzento
Vai abençoar a filha
Ou então eu lhe arrebento

No mesmo dia seguiu
Com a noiva e o rapaz
Chegando lá disse ao velho
Casculó, vejo o que faz
Ou abençoa a menina
Ou vai perder mesmo a paz

Disse o velho eu abençoô
— Com muita satisfação
A velha disse eu também
— De todo meu coração
Se abraçaram os quatro
Realizou-se a questão

Então Valentão do Norte
Depois dessa aliança
O Coronel Baltasar
Botou ele numa trança
Que dessa vez quase ele
Ficava no meio da dança

Pois o Coronel estava
Vendo a hora se acabar
Mandou ele p'ra fazenda
Do velho Chico Gaspar
Com u'a carta de guia
Dessas mesmo de amargar

Dizia a carta o seguinte
Amigo Chico lhe entrego
Esta Cobra caninana
P'ra ver se uns dias sossego
Gosto muito de homem brabo
Mas deste geito arrenego

Veja se dá geito aí
Com os seus cabras que tem
Tirarem ele do pasto
Porque p'ra nós não convem
Pois é peor do que léra
Que não respeita ninguem

Assinou-se Baltasar
Lacrou a carta entregou
Valentão do Norte foi
Quando na casa chegou
Deu a carta o velho leu-a
Então ciente ficou

Mandou ele arranchar-se
Num quarto atraz da fazenda
Dizendo fique aí
Que não há quem lhe ofenda
Porem dizia consígo
— Já tenho tua encomenda

Com quatro dias depois
Valentão do Norte estava
Fazendo uma refeição
Nisto foi vendo que entrava
Pela porta de seu quarto
U'a moça linda e alva

Ajoelhou-se chorando
E foi dizendo assim
— Meu senhor por caridade
Vá embora ouça a mim
Porque meu pai hoje a noite
Está pronto dar-lhe fim

— Achei ser uma injustiça
Matar um pobre inocente
Pude apanhar uma fuga
Vim aqui ligeiramente
Lhe avizar que o caso é serio
Não brinque com esta gente

Valentão do Norte ergueu-se
E lhe disse oh ! minha flôr
— Eu nunca soube no mundo
O que foi prazer nem amôr
Mas por tua lealdade
Já conheci teu valor

— Me respondes por bondade
Se queres casar comigo
Porque vou agora mesmo
Enfrentar todo o perigo
Para pagar-te a fineza
Como verdadeiro amigo

— Até hoje neste mundo
Nunca amei a ninguém
Porque nunca tinha achado
Quem me desejasse o bem
Mas já que me defendestes
O teu amor me convem

Disse a moça é bem custoso
— Fazer está arrumação
Porque meu pai inda estando
Morto debaixo do chão
Se eu falar em casamento
Vai se acabar a nação

Se acabe até 10 nações
— Disse Valentão do Norte
Você querendo é bastante
Embora que o mundo entorte
Pois sendo assim disse a moça
— Serei tua até a morte

Nesta hora Valentão
Disse p'ra ela se aguarde
Que irei agora mesmo
Enquanto não fica tarde
E provarei a seu pai
Que sou homem e não covarde

Na mesma hora ele foi
Abecou Chico Gaspar
Dizendo velho covarde
— Tu querias me matar
Mas antes de eu ser morto
Preciso de lhe ensinar

Escolha agora das duas
Se quer a morte ou a vida
Porque sua salvação
Está pura e decidida
Se me der em casamento
Sua filha Margarida

O velho olhou para o mundo
E viu todo lado escuro
Disse eu dou e case logo
Não precisa de apuro
Porque jurei que só dava
Minha filha a cabra duro

Se me for falso lhe mato
Disse Valentão do Norte
Está certo disse o velho
Pode soltar não se emporte
Que dou-lhe a moça e dinheiro
E sou amigo até a morte

Ficou Valentão do Norte
sendo maior do que era
e onde seu nome ia
Lhe respeitavam de «véra»
Em toda parte temiam
sua coragem de féra

— FIM —

Todos direitos reservados